

**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS  
NO BRASIL**

**BRANDÃO, N.F.<sup>[1]</sup>; RIBEIRO, O.A.P.S.<sup>[1]</sup>; NEVES, A.F.<sup>[1]</sup>; ROSA, B.D.<sup>[1]</sup>;  
SILVA, R.L.<sup>[1]</sup>; SOUZA, J. V. G.<sup>[2]</sup>; SILVA, D.T.R.<sup>[2]</sup>**

Os acidentes por animais peçonhentos constituem um problema de saúde pública de relevância global, especialmente em regiões tropicais e subtropicais. No Brasil, esses incidentes são comuns e envolvem diferentes grupos de animais, como serpentes, aranhas, escorpiões, lagartas e abelhas, que podem causar danos severos à saúde humana. Estudos epidemiológicos sobre acidentes por animais peçonhentos são essenciais para compreender a distribuição geográfica, os fatores de risco e os perfis epidemiológicos associados a esses incidentes, permitindo a implementação de estratégias de prevenção mais eficazes e a melhoria no atendimento das vítimas nas áreas mais afetadas. Nesse contexto, este estudo objetivou descrever o perfil epidemiológico dos casos de acidentes por animais peçonhentos no Brasil entre 2007 e 2022, além de analisar possíveis especificidades regionais. Metodologia: Trata-se de um estudo cujos elementos são quantitativos, avaliados quanto à frequência de ocorrência dos casos de acidentes por animais peçonhentos no Brasil, utilizando-se banco de dados secundários do SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação). A análise dos dados revelou uma distribuição desigual dos casos entre os estados e regiões do Brasil. No Norte, o Pará concentra 46,14% dos casos da região, seguido por Tocantins (18,76%) e Amazonas (14,83%). No Nordeste, a Bahia lidera com 29,94%, seguida por Pernambuco (22,85%) e Alagoas (14,41%), enquanto no Sudeste, Minas Gerais (47,41%) e São Paulo (43,28%) dominam os registros. No Sul, o Paraná se destaca com 52,53%, e no Centro-Oeste, Goiás representa 43,76% dos casos. Entre as regiões, o Sudeste concentra a maior parte dos casos do Brasil (37,91%), seguido pelo Nordeste (32,03%), Sul (15,17%), Norte (8,88%) e Centro-Oeste (6,01%). A concentração de casos em estados específicos, como Pará no Norte e Bahia no Nordeste, destaca a necessidade de estratégias regionais personalizadas para enfrentar os desafios locais. No Sudeste, a predominância de Minas Gerais e São Paulo reflete sua grande população e infraestrutura de saúde. A Região Sul e o Centro-Oeste também mostram variações internas significativas, sugerindo que políticas de saúde precisam ser adaptadas às necessidades de cada estado. Em termos nacionais, a alta concentração de casos no Sudeste e Nordeste reforça a importância de políticas públicas que levem em conta as disparidades regionais, garantindo que os estados mais afetados recebam atenção adequada.

**Palavras-chave:** Epidemiologia; Prevenção; Saúde pública.

**Área do Conhecimento:** Ciências da Saúde

**Origem:** Pesquisa

**Instituição Financiadora/Agradecimentos:** Não se aplica

**Aspectos Éticos:** Não se aplica

---

[1] Nina Ferreira Brandão. Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
ninabrandoo@gmail.com.

[1] Otavio Ananias Pereira da Silva Ribeiro. Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul. otavio.ananias@estudante.uffs.edu.br.

[1] Andre Firmino Neves. Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
andre.fneves31n@gmail.com.

[1] Betina Drehmer da Rosa. Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
betina.rosa@estudante.uffs.edu.br.

[1] Rodrigo Lopes da Silva. Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul.  
rodrigossilva@estudante.uffs.edu.br

[2] João Victor Garcia de Souza. Docente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul. joao.garcia@uffs.edu.br.

[2] Debora Tavares de Resende e Silva. Docente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul. debora.silva@uffs.edu.br.